

RUBEM BRAGA

POEMA

«QUEM pagará o enterro e as flores se eu me morrer de amôres?» — pergunta-se o luminoso poeta Vinicius de Moraes; e faz outras perguntas, ora com sarcasmo, ora com tristeza: «Quem, dentre amigos, tão amigo para estar no caixão comigo? Quem jogará timidamente na terra um grão de semente? Quem elevará o olhar covarde até a estrêla da tarde? Quem me dirá palavras mágicas, capaz de empalidecer o mármore? Quem, oculta em véus escuros, se crucificará nos muros? Quem, macerada de desgosto, sorrirá: rei morto, rei pôsto?».

Mais perguntas ainda faz o poeta, mirando a própria morte com alguma ternura. Lendo êsse poema não há quem no fim não se faça as mesmas perguntas do poeta, ainda que apenas em prosa chã. Eu confesso que as fiz; há um cabotinismo amargo em imaginar a própria morte, não ela em si mesma, mas nos outros. Em si mesma tenho para mim que, se vier normalmente, me dará menos pavor que sossêgo; mas devo dizer que não tenho pressa nenhuma.

Há três ou quatro versos do poeta que, embora sejam belos e puros, não posso botar na crônica; a prosa de jornal tem ou deve ter um pudor que a poesia não pede.

«Quem, louca, se jogará de bruços a soluçar tantos soluços que há de despertar receios?».

Faço a pergunta a mim mesmo, e não vejo ninguém para desempenhar êsse papel em meu funeral; ainda bem; não me agradam cenas.

«Quantos, os maxilares contraídos, o sangue a pulsar nas cicatrizes, digão: foi um doido amigo... Quem, criança, olhando a terra, ao ver movimentar-se um verme, observará um ar de critério? Quem, em circunstância oficial, há de propor meu pedestal? Quais os que, vindo da montanha, terão circunspeção tamanha que eu hei de rir, branco de oál? Qual e que, rosto sulcado de vento, lançará um punhado de sal na minha cova de cimento? Quem cantará canções de amigo no dia de meu funeral? Qual a que não estará presente por motivo circunstancial? Quem cravará no seio duro uma lâmina enterrada?».

Vêm mais e mais perguntas; elas dão a impressão de que sempre que pergunta «quem» o poeta está pensando em alguém determinado.

«Quem será a estranha figura a um tronco de árvore encostada com um olhar frio e um ar de dúvida? Quem se abraçará comigo que terá de ser arrancada? Quem vai pagar o enterro e as flores se eu me morrer de amôres?».

Aí, o poema acabou. E justo que também acabe a crônica; vocês estão vendo que esta não é uma crônica, é um simples furto. Vinicius não se importará, que é amigo, e rico em versos. E o leitor não se queixe, pois lucrou; talvez tenha se irritado com os cortes, mas a isso acudo: botarei o poema inteiro qualquer dia em «Manchete». Creio que ficamos todos bem, e afinal, se não fiz minha crônica, enchi meu espaço, e com matéria mais nobre. Pensem na morte, e adeus.